
Minha vida eu mesma requadro. Auto-representação e empoderamento em Marielle Franco – Raízes¹

Vinicius SOUZA²

Suzana ATAIDE³

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

Esse artigo acadêmico analisa a biografia em quadrinhos, Marielle Franco – Raízes (Instituto Marielle Franco, 2021). Afim de questionar como a auto-representação em imagens e textos pode inspirar as mulheres negras a ocuparem espaços e lutarem por seus ideais. Para isso, aborda-se sobre a história dos quadrinhos, destacando uma das pioneiras Jackie Ormes (NOGUEIRA, 2013) e a definição desta arte (EISNER, 1985). Utiliza-se também a Roleta Interseccional (CARRERA 2021) para mostrar os eixos de opressão que atravessaram a vida da ativista e ex-vereadora pelo Rio de Janeiro. Além dos conceitos de Imagens de Controle (BUENO, 2020), interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019); (GONZÁLEZ, 2020) e as questões de representações e representatividade (HALL, 2016 e hooks, 2019).

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Interseccionalidade; Marielle Franco; Representatividade.

Introdução

De “cria da Maré” a símbolo internacional de lutas identitárias, Marielle Franco também sempre foi alvo dos piores memes e fake news. Sua morte precoce, assassinada por um ex-policial miliciano vizinho de um ex-presidente conhecido pelo racismo, misoginia e LGBTfobia, deu ainda mais visibilidade a todas essas lutas. Para reconstruir e reafirmar uma imagem mais representativa dessa mulher, negra, periférica e bissexual, o Instituto Marielle Franco, lançou em 2021 a biografia em quadrinhos Marielle Franco

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa 15 Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Pós-doutor pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMT. Email: vinicius.souza@ufmt.br

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT e graduada em jornalismo pela mesma universidade. Email: contato.suzanaataide@gmail.com

Raízes⁴, que conta a história da ativista desde seu nascimento até a graduação como Socióloga pela PUC do Rio em 2006.

O projeto da HQ foi desenvolvido com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). Lançada pelo Instituto Marielle Franco no dia 27 de julho de 2021, dia em que ela faria 42 anos. Trata-se de uma história em quadrinhos narrada por ela mesma, simulando uma autobiografia e autodefinição em HQ.

Produzida de forma representativa e por pessoas majoritariamente negras, o projeto tem o objetivo de inspirar meninas e jovens negras a conhecerem suas raízes, se orgulhar delas, e inspira-las a mudar estatísticas sociais e ocupar diferentes espaços na sociedade.

Para analisarmos esta HQ biográfica abordamos sobre representação e representatividade negra na história dos quadrinhos com a pioneira Jackie Ormes, primeira mulher negra a produzir quadrinhos para pessoas negras. E também utilizamos o método da Roleta Interseccional de Carrera (2021). Durante o giro da roleta, o sujeito analisado fica no centro de modo a identificar as opressões que o cruzam. Nestes trabalhos os eixos abordados são gênero, raça, classe e geolocalização. O objetivo é abordar como a autodefinição em quadrinhos contribui na formação de debates sobre representação, representatividade e luta do feminismo negro.

O método também permite identificar o ethos interseccional de Marielle para identificar qual imagem ela tem de si e as negociações interseccionais, que são a relações entre a imagem de si e os eixos sociais que se sobressaem. Tomando consciência das opressões, é possível desenvolver estratégias de conscientização por meio de ferramentas desconstrutivas como, por exemplo, os quadrinhos.

Quadrinhos e imagens de controle

Os quadrinhos são definidos por Will Eisner (1985), como arte sequencial. A ferramenta que também é utilizada como meio de comunicação social, possui

⁴ HQ Marielle Franco Raízes. Disponível para download de forma gratuita em: <https://www.institutomariellefranco.org/>

características de linguagem objetiva, ilustrativa, não se restringe a linguagem textual e historicamente aborda ideologias ativistas em algumas de suas produções pioneiras (RADHE, 1996), como, Ângelo Agostini, Nair de Teffé e, dentre eles, Zelda Mavin Jackson, conhecida como Jackie Ormes, foi a primeira quadrinista a desenhar uma mulher negra independente e sem estereótipos nos jornais estadunidenses com o projetos “*Torchy Brown in Dixie Harlem*”, no *Pittsburgh Courier*, entre 1937 e 1938; e “*Torchy in Heartbeats*”, publicada agora no jornal *Chicago Defender* entre 1950 e 1954.

O projeto, que se divide em duas partes (década de 30 e 50), aborda a história de uma jovem negra do Mississippi que busca por estabilidade e novas oportunidades nas metrópoles do Norte. Ela chega em Nova York e vira cantora em um clube no *Harlem* (NOGUEIRA, 2013). Jackie utiliza o humor e a autenticidade da personagem como formas de refletir sobre a vida de quem sai do Sul para buscar novas oportunidades no Norte.

Os quadrinhos que eram quase uma autodefinição da autora, tiveram uma enorme repercussão, tendo sido distribuídos para mais de 14 jornais, também voltados para o público negro, gerou um total de 12 tirinhas publicadas entre 1937 a 1938 e se espalhou por todo o país (NOGUEIRA, 2013).

Quadrinho 1: *Torchy Brown in Dixie Harlem* - Primeira fase



Fonte: GELEDÉS, 2015⁵.

⁵ **Mulheres negras nos quadrinhos:** Jackie Ormes, você não conhece? Mas deveria. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nos-quadrinhos-jackie-ormes-voce-nao-conhece-mas-deveria/> / Publicado em: 20/03/2015. Acesso em: 19 Mar. 2023.

Em 1950 o projeto retorna, em uma versão colorida, a personagem volta em “*Torchy in Heartbeats*”, publicada agora no jornal *Chicago Defender*, que também era voltado para o movimento negro. Nessa fase Jackie apresenta uma mulher negra que não se intimida frente à sociedade e não tem medo de expor seu pensamento (NOGUEIRA, p. 27, 2013). Além das questões de machismo, racismo e preconceito com a sua localização, a personagem também vai trabalhar nesta fase lutas ambientais, o romance inter racial, a imagem da mulher como super heroína e a valorização do corpo negro como apresentado no quadrinho 3 a seguir:

Quadrinho 2: Torchy in Heartbeats - Segunda fase



Fonte: Nogueira, 2013.

Quadrinho 3: Torchy in Heartbeats - Parte II



Fonte: GELEDÉS, 2015.

Na mesma época desses projetos, a imagem da mulher negra nos quadrinhos brasileiros, eram distorcidas e distantes da realidade. Segundo Neto (2015), a representação desenhada da mulher negra nos veículos brasileiros variavam entre o animalesco, o grotesco e o risível. Entre os exemplos, o autor cita as personagens Lamparina, de José Carlos, na revista infantil *Tico Tico* (1928) e Maria Fumaça, de Luiz Sá, na também revista infantil *Cirandinha* (1950). No quadrinho a seguir, vemos que esses personagens eram desenhados de forma distorcida e carregavam estereótipos da mulher negra que ocupa o espaço de serviço doméstico, braçal e é ‘faceira’.

Quadrinho 4: Lamparina e Maria Fumaça

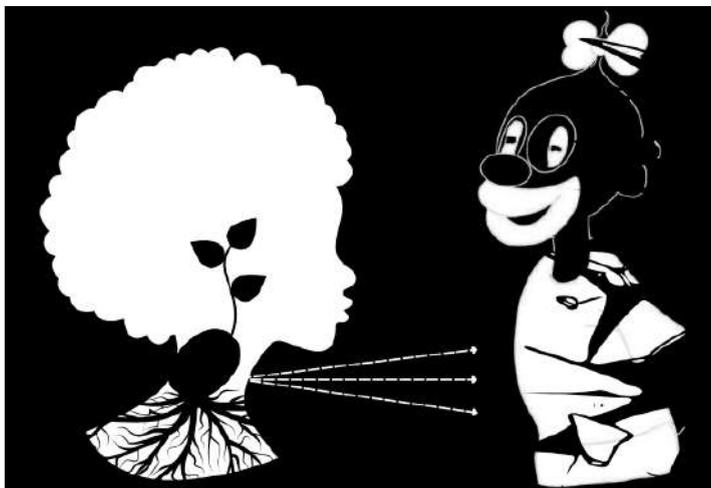


Fonte: Requadro autoral, imagens: Neto, 2015.

Esses são exemplos das imagens de controle, utilizadas por grupos dominantes com o objetivo de estabelecer e reproduzir um padrão de violência e dominação constituído para que permaneçam sempre no poder. “Isso se dá porque as imagens de controle estão articuladas no interior da histórica matriz de dominação que caracteriza a dinâmica intersectada na qual as opressões se manifestam” (BUENO, 2020, p. 73).

Em questão, essas imagens de controle que rodeiam a mulher negra estão sempre a colocando em um lugar de subordinação, prestação de serviço e distorção do seu eu. E estão articuladas com discursos racistas, sexistas e preconceituosos, que estão presentes na nossa formação social e é fundamental desconstruir.

Quadrinho 5: Desconstrução das imagens de controle



Fonte: Produção autoral e uma reprodução da personagem Maria Fumaça, 2023.

Conforme Akotirene (2019), a interseccionalidade é uma ferramenta analítica fundamental para pensarmos sobre as relações sociais de raça, gênero e sexualidade, entre outros eixos. Ela também pode servir de base para produtos que trabalhem a desconstrução de estereótipos e conscientização para uma sociedade mais igualitária, diversa e justa. “Apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos” (hooks, 2019, p. 39).

Outro ponto importante a se destacar sobre interseccionalidade, é o desenvolvimento de políticas e ações contra tipos de opressão de eixos distintos e excludentes. O racismo e o patriarcado, por exemplo, são diferentes. No entanto, podem se sobrepor criando uma complexa intersecção. “Nessa linha investigativa, o tema da mulher negra ganha centralidade e as reflexões sobre o feminismo negro passam a ter maior densidade e representatividade na América do Sul [...]” (GONZALEZ, 2020, p.12).

Quando se analisa produtos culturais é importante pensar a representação e a representatividade. A representação de algo é a produção de sentidos através da linguagem, um espaço cultural que utiliza signos para referenciar uma pessoa, um movimento social ou um objeto que faz parte do mundo real ou imaginário. Conforme a representação vai se sustentando socialmente e produzindo sentidos, ela vai construindo

uma cultura de significados que interpretam o mundo e regulam práticas sociais (HALL, 2016).

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto (HALL, 2016, p. 31).

Já a representatividade envolve a qualidade e a condição de como aquele indivíduo e/ou grupo está sendo representado. Se as representações são construídas somente pelos mesmos grupos sociais historicamente privilegiados, elas podem não representar a vida real das pessoas e acabar caindo nos estereótipos. Nas produções de José Carlos e Luiz Sá, por exemplo, a figura da mulher negra ficou presa a um padrão que não foi desenvolvido por elas, uma imagem de controle que não fazia parte do mundo real.

Tendo em vista produções assim ao longo da história, uma resistência presente nos quadrinhos como Jackie Ormes, inspirou e influenciou produções de quadrinistas negras futuramente. Tornou possível uma representação e representatividade, onde mulheres negras eram invisíveis. Se antes as mulheres negras eram “pano de fundo ou desenhadas de forma distorcida” (NOGUEIRA, 2013) nos quadrinhos nacionais, atualmente é possível desenvolver uma auto-representação a partir de HQs como a Marielle Franco Raízes.

Marielle Franco Raízes

A HQ Marielle Franco Raízes é uma produção de objetivo educativo, representativo e biográfico que apresenta a vida da ativista a partir da escrita afetiva em primeira pessoa. Entre os eixos sociais que atravessaram a vida de Marielle Franco, se destacaram as opressões de raça, gênero, classe e geolocalização. Para entender como opressão estiveram presentes na vida de Marielle no período do seu nascimento até a sua formatura, utilizamos o método de Roleta Interseccional de Carrera (2021).

Conforme a roleta da análise interseccional gira identificamos desafios, superações e muitos momentos de alegrias. A imagem de Marielle não cai no

estereótipo de que a vida da mulher negra se resume só a desafios, dificuldades e tristezas. Marielle reconhece suas raízes e sente orgulho delas, de ter nascido em uma família periférica, pobre, negra e nordestina. A HQ desenvolve a narrativa de maneira pessoal destacando, principalmente, as boas lembranças.

Nos primeiros quadrinhos, mostra-se uma família pobre, periférica e de origem nordestina (João Pessoa, PB), formada por Dona Marinete e Seu Antônio, em busca de melhores condições de vida e uma perspectiva melhor de futuro, o casal se mudou para o conjunto de favelas da Maré (Rio de Janeiro, RJ). Após essa apresentação, nossa narradora explica que após um ano de casados seus pais a tiveram, era um bebê forte, alegre e grande. E apesar das adversidades que passavam, sempre lhe deram suporte.

Nessa primeira fase, a origem de Marielle, momento em que apresenta-se seus pais e infância, as problemáticas de geolocalização e classe se destacam, com a necessidade de mudança, o trabalho em excesso para sobreviver e as adversidade de moradia em um local periférico, porém as falas cheias de orgulho também ganham espaço neste início.

Quadrinho 6: Família



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Entrando na próxima fase, momento de infância e adolescência, vemos questões de classe, gênero e raça, e percebemos que nesse caso é impossível falar de raça sem falar de gênero, conforme a roleta gira essas opressões vão ficando mais evidentes, se conectam e intercalam simultaneamente. A HQ mostra que Marielle assumiu muito cedo algumas responsabilidades, como cuidar da irmã e da casa. Segundo Moraes

(2019) no Brasil mulheres negras são orientadas a amadurecer mais rápido e direcionadas a ocupar trabalhos mal remunerados de modo a contribuir com o sustento do lar e se tornarem “donas de casa” mais cedo.

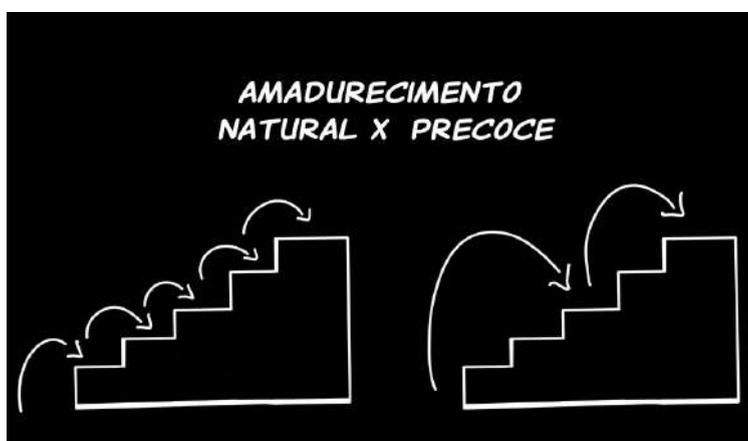
Tais fatores conduzem-se à ratificação de um dos mitos a rondar meninas pretas: a mulher madura. Tal mito, faz-se presente em comunidades e repete-se igualmente nas grandes cidades do país, apesar de apresentar nuances diferenciadas. Por um lado, a mulher madura não manifesta-se somente na aquisição de maiores responsabilidades, mas também na rápida secção entre a infância e adolescência na qual meninas negras são inseridas. Comumente relacionadas ao mito da “Força” e “Promiscuidade”, tais garotas são incentivadas a abdicar de comportamentos infantis e incorporar um papel “amadurecido” ainda em idade infantil (MORAIS, [s.n.]2019).

Quadrinho 7: Amadurecimento Precoce



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Quadrinho 8: Amadurecimento Precoce II



Fonte: Produção autoral, 2023.

A obra mostra uma narradora de sua história que ultrapassa diversas vezes os limites dos requadros para se comunicar com as leitoras e leitores. Nessa fase as opressões de raça, gênero, classe e geolocalização vão ficando mais evidentes e vivenciadas. O amadurecimento precoce a fez se distanciar de meninas da sua idade e para ajudar financeiramente em casa, ela também começou a trabalhar mais cedo.

Trabalhar desde cedo, estudar e ter um sonho de entrar em uma universidade, ela uma mulher negra e da comunidade, a faz vivenciar experiências que não acontecem com uma adolescente não-periférica, por exemplo, um dia em que a aula do cursinho comunitário foi interrompida por um tiroteio policial, isso dificilmente ocorreria em bairros nobres.

Quadrinho 9: Aula interrompida por tiroteio



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Esse foi o momento em que as questões politizadas e de ativismo ficaram mais evidentes na vida de Marielle. O sentimento de revolta com as violências que aconteciam e acontecem nas comunidades, contribuiu para o seu senso crítico, político e ativismo.

Ainda nessa fase, Marielle também se depara com outro desafio: uma gravidez inesperada. O fato de se tornarem mães transforma a vida de meninas e jovens de maneira precoce, podendo também limitar e/ou adiar certos sonhos, no caso de Marielle, o sonho de entrar em uma universidade. Nessa nova fase, nossa narradora soube se

reinventar diante dessas adversidades, adiou a ideia de entrar em uma faculdade, focou em casar e criar a filha.

Mais adiante, o seu casamento chega ao fim e ela teve que se reinventar mais uma vez, assumir as responsabilidades de mãe solo e trabalhar, às vezes, em mais de um turno para criar sua filha. E o sonho de entrar em uma universidade permaneceu vivo e ativo em sua vida até alcançar. E lá foi ela “mulher, negra, mãe e moradora da Maré, estudar em um lugar onde na época pouquíssimas pessoas como eu conseguiam acessar” (MARIELLE, 2021, p. 25).

Quadrinho 10: Desafio de ser estudante, trabalhadora e mãe solo



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2021.

Nessa nova fase da juventude, agora dentro de um ambiente acadêmico, nós temos mais uma vez as opressões dos eixos interseccionais (gênero, raça, geolocalização e classe), se destacando com episódios de racismo e misoginia. Há, ainda, o sentimento de deslocamento social, por ocupar um espaço no qual a maioria das pessoas são brancas. E o longo caminho que Marielle tinha que fazer para estudar demonstra como a geolocalização atrapalha a permanência de jovens periféricos nas universidades. No entanto, Marielle ressignificou esse espaço historicamente elitista,

não desanimou e mostrou possibilidades, sem esquecer suas raízes, origem, fenôtipos e lutas ativistas.

Quadrinho 11: Colação de grau acadêmico



Fonte: Produção autoral, 2023.

Mesmo com as adversidades de gênero, raça, classe e geolocalização a HQ dá vida aos momentos felizes, a vida de Marielle não se resumiu a sobrevivências, lutas e desafios, e finaliza com um sonho realizado: a formação em Ciências Sociais “e naquele momento sabia que precisaria fazer ainda muito mais por famílias que nem a minha! Meu caminho de transformação começa assim, da favela para o mundo” (MARIELLE, 2021, p.31).

Considerações Finais

Desta forma consideramos que quadrinhos é também a história da sociedade, e como tal, não escapou de reproduzir ideologias racistas, sexistas, preconceituosas e machistas em suas produções, mesmo sendo um meio de comunicação, que compartilhou de ideias ativistas, resistências e ideologias de movimentos sociais. No

entanto, além de ser a história da sociedade, quadrinhos também é a história de uma resistência que os debates e discursos sobre raça, gênero, classe e geolocalização estiveram presentes em produções pioneiras e históricas.

Ao longo do tempo, essas produções representativas resistiram e o discurso ativista se transformou e ressignificou esse espaço. Isso fica claro quando temos hoje uma HQ biográfica realizada por pessoas majoritariamente negras, contando a história de uma mulher negra sem reproduzir imagens estereotipadas, o que antes não era possível. Mesmo sendo um avanço significativo para o universo dos quadrinhos, não é o bastante. Grupos historicamente minorizados ainda precisam resistir, conquistar e falar por si mesmos. Por isso, a importância de existirem produções como a HQ Marielle Franco Raízes, que promove representação, representatividade e autodefinição nos quadrinhos.

A HQ traz essa perspectiva de controle próprio da imagem “a verdade sobre mim eu mesma posso dizer” (BUENO,2020, p.145). Então conhecemos uma Marielle narradora de sua história que, atravessada por eixos e opressões sociais diversas, buscou justiça, resistiu e desafiou formas de dominação. Sua luta, ativismo e resistência se tornaram uma maneira de inspiração em requadros para meninas negras se espelharem.

A partir da análise interseccional observamos que a imagem que Marielle tem de si é da mulher forte, resistente, proativa e pronta para qualquer desafio. Dentro da estrutura social a mulher, neste caso mulher negra, não escapa da figura sobrecarregada da família e, mesmo assim, encara essa situação com coragem e altivez. Tendo as opressões fundamentais destacadas, observamos que a forma que Marielle encontrou de negociar a imagem de si e os eixos que lhe atravessam foi inspirar outras meninas negras a conhecer suas raízes, valorizar suas origens, resistir e ocupar os diversos espaços sociais.

Além disso, verificamos que as lutas por representatividade podem se beneficiar, e muito, da união entre texto e imagem dos quadrinhos, tendo em vista o seu potencial de compartilhamento e acesso. Quadrinhos são um meio de comunicação que alcança diferentes plataformas, formatos, instituições, práticas e estudos. Trabalhar questões sociais e de representatividade nesse formato é uma boa maneira de conscientizar a sociedade utilizando a HQ como ferramenta ativista, democrática e inclusiva.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. São Paulo - SP, Pólen, 2019.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um conceito de pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre - RS. Editora Zouk, 2020.

CARRERA, Fernanda. **Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação**. Linc em Revista, Rio de Janeiro - RJ, v. 17, n. 2, e 5715, nov. 2021.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo - SP. Ed. Devir, 1985.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro - RJ. Editora PUC Rio, 2016.

hooks, bell. **Olhares Negros Raça e Representação**. São Paulo - SP. Editora Elefante, 2019.

MARIELLE Franco Raízes. Instituto Marielle Franco, Rio de Janeiro – RJ, 2021. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/>. Acesso em: 29 Ago. 2021.

MORAIS, Yasmin. **Ser uma adolescente negra pode matar-te por dentro: Como o racismo estrutural adoece meninas**. PORTAL MEDIUM. Publicado em: 20 Fev. 2019. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/ser-uma-adolescente-negra-pode-matar-te-por-dentro-bc83c7d56b5a> Acesso em: 22 Dez. 2022.

Mulheres negras nos quadrinhos: Jackie Ormes, você não conhece? Mas deveria. Portal Geledés, 20 Mar. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nos-quadrinhos-jackie-ormes-voce-nao-conhece-mas-deveria/> . Acesso em: 25 Jun. 2021.

NOGUEIRA, Natania. **Jackie Ormes: A ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937- 1954)**. São Leopoldo – RS. Revista Identidade! V. 18, nº 1, p. 21-38 jan-jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/649>. Acesso em: 22 Dez. 2022.

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. **Entre o Grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história dos quadrinhos no Brasil**. Rev. Brasileira de Ciência e política - Dossiê Feminismo e Antirracismo (16) jan-abril de 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2230/1978>. Acesso em: 22 Dez. 2022.